

## Introdução

Em 2009, tive a oportunidade de assistir a duas palestras de António Lobo Antunes em sua passagem pelo Rio de Janeiro. Primeiro na FLIP, Festival Literário Internacional de Paraty, e depois no Real Gabinete Português de Leitura. Numa dessas ocasiões, pedi que o escritor autografasse os meus exemplares dos seus livros de crônicas e, no curto intervalo de tempo em que estive ao seu lado, aproveitei para dizer que estava trabalhando em uma pesquisa voltada para o Mestrado e que pretendia focalizar as suas crônicas. Imediatamente, Lobo Antunes me perguntou: “E por que não os romances?”

Sem uma resposta imediata para a pergunta, refleti sobre essa questão e me perguntei se seria o caso de modificar o objeto do meu estudo e passar a escrever também sobre seus romances. No entanto, após várias releituras das suas crônicas, uma resposta ia se esboçando. Verificar o lugar particular que as crônicas ocupam no conjunto da sua obra me interessava mais do que desenvolver uma análise de um dos seus romances, que, já há algum tempo, têm merecido estudos acadêmicos. Com isto, mantive a minha decisão que agora se materializa nesta dissertação, que tem como objetivo geral estudar a representação de práticas simbólicas e afetivas específicas, marcadas por novas condições políticas e culturais que surgem na segunda metade do século XX português. Assim, visando formular argumentos que possibilitem uma leitura dessas narrativas breves como operadores de sentido para uma reflexão acerca dos impasses e dos desafios impostos à cultura portuguesa contemporânea, esta dissertação pretende ser um mapeamento preliminar das questões associadas ao ambiente político-afetivo que compreende estes impasses.

No que concerne às crônicas, é preciso verificar que, ao contrário da tradição cronística portuguesa, que remete aos “séculos de ouro”, e pela própria etimologia da palavra *chronos* que nos remete ao tempo, as crônicas de Lobo Antunes não abordam, por um lado, nem os grandes acontecimentos de uma história de glórias, nem por outro, limita-se a focalizar aspectos da realidade cotidiana e trivial para dar conta dos pequenos episódios da atualidade. Indo

noutra direção, podemos afirmar que o autor trabalha nas suas crônicas boa parte de suas obsessões narrativas, isto é, retoma frequentemente temas recorrentes em toda a sua obra e, de forma mais ampla, em sua mundividência. Como afirma a pesquisadora portuguesa Maria Alzira Seixo, “ao ler uma dessas crônicas, o leitor acede ao modo original como o autor vê o mundo.”<sup>1</sup>

Maria Alzira Seixo, professora dedicada ao estudo da obra de António Lobo Antunes e autora de estudos decisivos sobre o conjunto de sua obra, afirma que Lobo Antunes possui em suas crônicas uma *face igualmente talentosa* comparativamente aos romances *sem perder minimamente o que alcançara em excelência na qualidade literária*.<sup>2</sup> Maria Alzira Seixo ainda afirma que esse registro cronístico possui *um lugar relevante no âmbito da obra do autor e com uma posição de primeiro plano no contexto da cronística portuguesa*.<sup>3</sup>

No entanto, nas entrevistas em que é questionado sobre o sucesso de suas crônicas, o autor as desqualifica sistematicamente por ter facilidade ao escrevê-las. *Escreve de uma penada só*<sup>4</sup> e também não as relê. *Eu que tanto releio meu Deus!*<sup>5</sup>. Lobo Antunes diz não valorizar seus textos que são escritos entre notícias de variados conteúdos e propósitos: *isto é para ser lido aos domingos por pessoas que lêem jornais e por isso tem que ser uma coisa que as divirta, que as distraia e que não as faça pensar muito*<sup>6</sup>. Em *Última Crónica*<sup>7</sup>, o autor anuncia que *já é altura de abandonar essas prosinhas*.<sup>8</sup> Em tom de despedida, publica, em 1998, a sua última crônica para o jornal *Público* e se justifica alegando a necessidade de investir naquele que é efetivamente o seu projeto literário:

Necessitava de todo o tempo para os meus romances, que escrevo devagar e com dificuldade, e tornava-se difícil abandoná-los de quinze em quinze dias para

<sup>1</sup> SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, p. 42.

<sup>2</sup> SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, p. 41

<sup>3</sup> Idem, p. 57

<sup>4</sup> Idem, p. 42.

<sup>5</sup> ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 217

<sup>6</sup> PIRES, Catarina e STIWELL, Isabel. “Exortação ao Lobo” In: *Notícias Magazines* (diário de notícias). 20 de fevereiro de 2000. P.353

<sup>7</sup> ANTUNES, António Lobo. “Última crónica”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 389

<sup>8</sup> Idem, p.390

redigir uma página de revista imaginando que os eventuais leitores de um suplemento de Domingo gostariam de um trecho leve, simples, agradável e fácil de escrever – o contrário do que pretendo nos livros.<sup>9</sup>

É possível, entretanto, questionar essa visão *despretensiosa* apresentada pelo autor, se considerarmos que ele já publicou mais de mil crônicas (esta que era a última foi em 1998) e que, ainda hoje, não abandonou esse ofício.

Além disto, segundo Seixo, há outro elemento que precisa ser considerado relativo à circulação de seus textos em veículos de massa. Graças a *estas prosinhas*, Lobo Antunes conquistou novos leitores dos seus romances a partir de publicações em jornais e revistas.<sup>10</sup> Por terem uma leitura mais acessível, as crônicas conquistaram leitores que ainda não tinham se aventurado a ler os romances que, comparativamente, possuem uma arquitetura literária mais complexa. Os periódicos e magazines levaram as crônicas de Lobo Antunes para a casa do leitor desprevenido, despertando nele o desejo de conhecer mais profundamente os textos do autor.

Apesar de serem narrativas breves, as crônicas são capazes de arrebatá-lo leitor, pois trabalham com *situações humanas, locais, sentimentos indizíveis, expressas em linguagem acessível e porém trabalhada, num registro aberto ao saber comum mas entrando nos caminhos escusos do coração do leitor.*<sup>11</sup>

A publicação em livros permite que, bem como os romances, essas crônicas de *caráter elaborado e intensidade expressiva*<sup>12</sup> se revelem ao mundo. Antes limitada aos leitores dos periódicos lisboetas, agora *alcançam sucesso de crítica e de público.*<sup>13</sup> Mesmo assim, o *Livro de Crônicas, Segundo Livro de Crônicas e Terceiro Livro de Crônicas* ainda não foram publicados no Brasil. Não é possível comprá-los nem mesmo em livrarias que possuem um vasto acervo de livros importados. E, ao menos aqui, talvez por essa razão, as crônicas ainda são

<sup>9</sup> ANTUNES, António Lobo. “Última crónica”. In: *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 389

<sup>10</sup> SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, p. 41

<sup>11</sup> Idem, p.42

<sup>12</sup> SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, p. 41

<sup>13</sup> Ibidem

pouco estudadas. Este foi certamente um elemento decisivo para a escolha do corpus selecionado para esta dissertação.

Os conteúdos dessas crônicas possuem variedades temáticas, o que faz com que o leitor trave contato com a sua obra a partir de um vasto panorama de questões. Para dar alguns exemplos, podemos lembrar que a crônica *Uma carta para Campo de Ourique*<sup>14</sup> apresenta a perda de um tempo e de um lugar que são rememorados através de um sentimento nostálgico de felicidade na infância; a crônica *Para José Cardoso Pires, ao ouvido*<sup>15</sup>, explora o sentimento de luto pela perda de amigos queridos, e, de forma mais geral, muitas dessas crônicas aludem ao *viver apagado, comezinho, de personagens que vivem sem alma, pois quando a alma se mostra é a infelicidade e o sentimento de solidão que as toma*<sup>16</sup>.

Esses temas revelam um ambiente afetivo determinante: ou por um sentimento nostálgico de felicidade perdida na infância ou pelo *desencontro* e pela *incapacidade de comunicação* entre os personagens. São temas recorrentes também a realidade vivida no campo de batalha na guerra em Angola e o regresso dos soldados para Portugal. A alienação da sociedade portuguesa face ao regime de Salazar e as práticas nocivas da Igreja Católica são temas que se podem considerar privilegiados no conjunto de crônicas.

Entretanto, apesar dessa abrangência temática, o objetivo do autor é sempre o mesmo: convocar *emoções subtis, despojos de coisas e sentimentos, restos em que habitualmente não se atenta e que surgem como uma evidência*.<sup>17</sup>

As análises das crônicas demonstram que a reincidência desses temas parece revelar as escolhas do autor como uma leitura de fatores decisivos para uma formação simbólica da sociedade portuguesa. Dessa forma o autor procura refletir, e fazer o leitor refletir, por meio da sua obra, sobre os fatores sociais e políticos determinantes para formação da sociedade.

<sup>14</sup> ANTUNES, António Lobo. “Uma carta para campo Ourique”. In: Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 91.

<sup>15</sup> ANTUNES, António Lobo. “Para José Cardoso Pires ao pé do ouvido”. In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 205.

<sup>16</sup> SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008, p. 42

<sup>17</sup> Ibidem

Assim, investigamos se a guerra colonial em Angola, em que Lobo Antunes serviu como médico militar pode ter suscitado no autor uma visão crua da realidade, que faz com que ele desenvolva, por meio da arte literária, uma forma possível de narrar e de transmitir a experiência vivida. Esta suposição encontra consonância argumentativa com a teoria cultural construída por Walter Benjamin no ensaio *Experiência e Pobreza*.<sup>18</sup>

Neste ensaio, Benjamin afirma que a experiência da guerra é tão devastadora e traumática, que acaba por impossibilitar a transmissão de experiência da mesma a partir de valores já pré-estabelecidos. É necessário, portanto, descobrir uma nova forma de narrá-la, não mais norteada pelos conselhos dos mais velhos, mas inaugurada pela juventude molestada pela experiência empírica da guerra.

Ao voltar para Portugal, após a experiência em Angola, Lobo Antunes encontra um aparato social, cultural e político inadequado à manutenção da memória: “Era como se ela (a guerra) não existisse.”<sup>19</sup>. Isso acontecia porque o regime opressor de Salazar não permitia que as notícias da guerra fossem divulgadas. E ainda tranqüilizava a sociedade anunciando números ínfimos de soldados mortos, *lê-se que a guerra estava controlada em Angola*<sup>20</sup>. Porém, podemos constatar nesta pequena passagem de uma carta de Lobo Antunes para sua esposa Maria José, em 5 de fevereiro de 1971, que a situação não era exatamente essa:

A guerra prossegue monotonamente. Mais 3 minas, felizmente sem consequências – o terreno arenoso dispersa um bocado a potência da explosão –, uma espécie de flagelação, apenas por armas ligeiras, e portanto inocente, aqui a Gago Coutinho, e, sobretudo, muitas ameaças escritas deixadas na picada. (...) Uma coisa, no entanto, é significativa: dos 60.000 habitantes de Gago Coutinho apenas cá vivem agora 5.000. Todos os outros estão na mata ou na Zâmbia, apoiando o MPLA, e isso são dados oficiais e conhecidos. Em Cessa, também, por exemplo, havia 10.000 habitantes. Há, agora, cerca de 30 velhos e velhas. No Chiúme, único ponto que ainda não conheço, a desproporção é ainda mais

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v.1), p.114

<sup>19</sup> BLANCO, María Luisa. “Os personagens dos meus livros perseguem-me, é como se vivesse rodeado de fantasmas”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 80

<sup>20</sup> ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 218

flagrante. Mais: os tipos já estão melhor armados do que nós, com canhões sem recuo e morteiros 82, que nós não temos. O que os nossos soldados têm é imensa coragem e um espírito de sacrifício que me espanta. Saem para a mata mal comidos e pessimamente dormidos com um estoicismo extraordinário. E eu, que já lhes ganhei amizade e os conheço um a um (não somos já assim tantos como isso) fico em pulgas à espera de ver voltar 2 ou 3 de charola (ANTUNES, 2005: 42).

Esta distorção entre a realidade e a versão oficial do Estado Novo faz com que o testemunho do autor seja ainda mais necessário. Benjamin acreditava que os jovens só poderiam se expressar por uma via nova, consoante com o tempo deles, descartando tudo aquilo que foi realizado por aqueles que mandaram os jovens à guerra. Somente assim poderiam construir o futuro. Na minha opinião, Lobo Antunes faz exatamente isto: com a sua visão da realidade alterada (*Eu acuso a guerra de ter mudado a minha vida*<sup>21</sup>), cria um novo modo de narrar (*eu sei que ninguém escreve como eu, mas isso não me traz alegria nenhuma*<sup>22</sup>) e, por meio dessa narração, consegue transmitir a experiência da guerra colonial. Eduardo Lourenço, célebre autor de *Labirinto da Saudade*, parece estar de acordo com isto, ao afirmar que foi *o encontro com o obstáculo África que o acordou, que o acordou a ele e indirectamente vai acordar a ficção portuguesa para um encontro com a realidade*.<sup>23</sup> Essas imagens de *acordar e fazer acordar* vão ao encontro da argumentação que esta dissertação pretende defender.

Entendemos que, como propôs Benjamin, Lobo Antunes estabeleceu um novo conceito, agora positivo, de barbárie: *que impele a partir para frente*<sup>24</sup>. Analisaremos, então, se a experiência da guerra pode ter fundado a visão que Lobo Antunes tem de seu projeto de escrita: *A verdadeira aventura que proponho é aquela que o narrador e o leitor fazem em conjunto ao negrume do inconsciente, à raiz da natureza humana*.<sup>25</sup> Essa perspectiva procura estabelecer com o leitor um pacto de amizade em que seja possível alcançar o que existe de

<sup>21</sup> ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006, p. 218

<sup>22</sup> Gravação de entrevista de António Lobo Antunes disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cM5bSKc3Wuc&feature=search>

<sup>23</sup> LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”, p. 351.

<sup>24</sup> BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v.1), p.115/116

<sup>25</sup> ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 113

mais profundo no leitor, as verdades que não são ditas, evitando assim “o velho jogo de avestruz que jogamos com a nossa alma”<sup>26</sup>.

Trabalharemos, após, com um recorte mais amplo, englobando os temas citados acima e propondo reflexões que percorrem os itinerários político-afetivos que marcam a sua produção como cronista. No entanto, apesar de o recorte da dissertação ser abrangente, uma vez que as crônicas exigem trabalhar com certa diversidade temática, o foco central da dissertação é ler nessas narrativas breves os principais impasses e desafios da cultura portuguesa contemporânea, segundo a obra do autor.

---

<sup>26</sup> LOURENÇO, Eduardo. “Psicanálise Mítica do destino português”. In: *Labirinto da Saudade*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1992. 5 edição. P.21